

Na turba, Sós: Arte e Ativismo LGBTQIA+ em Florianópolis

In the Crowd, Alone: LGBTQIA+ Art and Activism in Florianopolis

João Pedro Brunetti¹

Resumo: Este artigo investiga a interseção entre arte e ativismo na luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+ em Florianópolis, destacando a expressão artística como forma de resistência e visibilidade. Analisando uma obra de Leonardo Sanchez, o texto explora como intervenções artísticas refletem sobre identidade, solidão e marginalização. Além disso, discute a crescente violência contra pessoas LGBTQIA+ na cidade, baseada em dados recentes, e a necessidade de espaços culturais que promovam a diversidade. O artigo conclui incentivando a arte como meio de reivindicação e transformação social, simbolizando a luta por direitos e uma sociedade mais inclusiva.

Palavras-chave: Florianópolis; arte; Leonardo Sanchez; resistência

Abstract: This article investigates the intersection of art and activism in the fight for LGBTQIA+ rights in Florianopolis, highlighting artistic expression as a form of resistance and visibility. Through the analysis of a work by Leonardo Sanchez, it explores how artistic interventions provoke reflections on identity, loneliness, and marginalization. Additionally, it discusses the rising violence against LGBTQIA+ individuals in the city, evidenced by recent data, and the need for cultural spaces that promote diversity. The article concludes by encouraging the presence of art as a means of advocacy and social transformation, symbolizing the struggle for rights and the construction of a more inclusive society.

Keywords: Florianópolis; art; Leonardo Sanchez; resistance

Introdução

Conforme dados do painel do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), Santa Catarina registrou um aumento alarmante nos casos de violência contra pessoas LGBTQIA+ entre 2015 e 2022, com os números subindo de 374 para 668 casos. A situação se agravou ainda mais em 2024: até junho deste ano, o estado já havia contabilizado 902 casos de violações², representando um aumento de aproximadamente 35,03% em relação ao total de 2022.

Florianópolis, a capital de Santa Catarina que se autopromove como "*gay-friendly*", lidera o ranking de casos de violência contra pessoas LGBTQIA+ no estado, com 92 ocorrências registradas no primeiro semestre de 2024³. Não por acaso, as últimas edições das Paradas LGBTQIA+ de Floripa têm escancarado essa brutal realidade com temas como

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: joaobrunettidossantos@gmail.com.

² BOTH, Vitor. 2024.

³ Ibidem. 2024.

Na turba, Sós: Arte e Ativismo LGBTQIA+ em Florianópolis – João Pedro Brunetti

"Políticas Públicas por Inteiro e não pela Metade" (2023) e "Basta de Negligência, nossos Direitos já!" (2024). Esse espaço, no qual milhares de corpos saem às ruas para reivindicar seus direitos, configura-se como um movimento social. Trata-se de um conjunto de ações coletivas, originadas pela adesão individual, que visa construir consciência política⁴. Desse modo, partindo da cabeceira da Ponte Hercílio Luz, na Avenida Beira Mar Continental, o festival irradia as cores do arco-íris sobre o cinza do asfalto, embalado por músicas de divas do *pop* mundial, dança e muita arte.

A resistência, portanto, não se limita ao coletivo, mas também se manifesta nas ações individuais de apoiadores do movimento LGBTQIA+. Um exemplo essencial dessa expressão pode ser encontrado na feitura de artistas plásticos que residem na Ilha de Santa Catarina. Sob essa perspectiva, assumimos a premissa de que a obra analisada a seguir, no contexto do ativismo, ressalta a questão da LGBTQIA+fobia em Florianópolis como um tema pulsante.

A pathosformel da solidão

Ó Alma doce e triste e palpitante!
que cítaras soluçam solitárias
pelas Regiões longínquas, visionárias
do teu Sonho secreto e fascinante!

– Alma solitária, Cruz e

Sousa.



Figura 1: [Sem Título]. Leonardo Sanchez, 2024. Rua Pedro Soares, Florianópolis. Fonte: Instagram @leosanchezsilva.

⁴ CADARSO apud. ORTOLANO, Fábio. 2013, p. 107.

A imagem (Figura 1) apresenta um lambe⁵ colado em uma parede de tom pastel descascada, com intervenções de tintas vermelha e roxa. À direita, há um lance de escadas; à esquerda, um pedaço de papelão no chão. A obra estava localizada na escadaria do Teatro da União Beneficente Recreativa Operária (UBRO), no centro de Florianópolis, e faz parte de uma série de três trabalhos espalhados por diferentes pontos da cidade.

O lambe em preto e branco nos apresenta um corpo nu dividido em três partes distintas: os pés descalços entrelaçados, com destaque para as solas e uma parte da perna esquerda; o lado esquerdo do corpo, da cabeça à coxa, em uma posição fetal; e o peito direito junto a uma porção do braço. Ao observarmos a imagem com atenção, parece que esses fragmentos estão inseridos na parede. É como se os espiássemos, através de uma fresta! Assim, a imagem evoca um sentimento comum a muitos: a solidão. Essa afirmação pode ser compreendida por meio do conceito de *pathosformel*, desenvolvido pelos historiadores da arte Aby Warburg e Georges Didi-Huberman.

Para este último, o *pathosformel* descreve gestos carregados de emoção que se repetem de maneira automática e inconsciente, muitas vezes sem que tenhamos consciência de suas raízes culturais e históricas. Esses gestos, comparáveis a fósseis em movimento – que podem ou não evocar o mesmo *pathos* – carregam uma história profunda e inconsciente: “eles sobrevivem em nós, mesmo que sejamos incapazes de percebê-los claramente em nós mesmos”⁶.

Sob essa perspectiva, a posição daquele corpo, especialmente a parte do meio, lembra-nos a *pathosformel* de um feto no útero. Nesse ambiente, o feto desfruta de conforto, protegido pelo líquido amniótico, imerso na escuridão e nutrido continuamente pelo cordão umbilical. Da mesma forma, aquele parece buscar sossego, refúgio e calma, condições que contrastam com o frenesi da cidade contemporânea. A persistência dessa *pathosformel* pode ser observada na produção de diversos outros artistas. A título de exemplo, mencionaremos dois: Oswaldo Guayasamín e Käthe Kollwitz.

Guayasamín (1919-1999), nascido em Quito e de origem indígena *Quechua*, foi um importante artista equatoriano. Em suas obras, ele retratava a solidão como uma forma de denunciar as violências cometidas em guerras mundiais, conflitos civis, genocídios e regimes autoritários ocorridos no século XX⁷. Na imagem (Figura 2), vemos uma figura envolvendo

⁵ O lambe, uma forma de expressão artística, refere-se a obras de arte impressas em papel, geralmente coladas em espaços públicos como forma de intervenção urbana.

⁶ DIDI-HUBERMAN apud. CAMPOS, Daniela Queiroz. 2023, p. 163.

⁷ BUITRÓN, Gabriela. 2008.

Na turba, Sós: Arte e Ativismo LGBTQIA+ em Florianópolis – João Pedro Brunetti

uma criança nos braços, um gesto que transmite ao espectador a sensação de que ambos se reconfortam mutuamente. Embora os corpos se entrelacem, confundindo-se, ainda é possível discernir a posição fetal. Isso é evidente tanto na figura maior, que se dobra sobre suas pernas, quanto na figura menor, que parece repousar no interior da primeira.



Figura 2: Ternura. Oswaldo Guayasamín, 1989, Quito. Óleo sobre tela, 135 x 100 cm. Fundação Guayasamín.

Por sua vez, a artista Käthe Kollwitz (1867-1945) também abordou temas de solidão e sofrimento em suas obras. Nascida na Alemanha, Kollwitz foi profundamente influenciada pela violência e desigualdade social desde jovem, retratando trabalhadores, militares e camponeses. A brutalidade das guerras da segunda metade do século XX impactou profundamente sua arte e, por meio de xilogravuras, gravuras em buril e litografias, Kollwitz abordou temas como a morte e o proletariado, refletindo a sensibilidade social moldada pelos conflitos bélicos⁸. A imagem (Figura 3) retrata a dor de uma viúva pela perda de seu amor. Ela se abraça, buscando um refúgio em si mesma e um espaço para sentir e processar suas emoções.

⁸ VILLEDA, Huberta Márquez. 2021.



Figura 3: A Viúva I, de Guerra. Käthe Kollwitz, 1923. Gravura em madeira, 37,2 x 23,6 cm. Coleção Walter Landauer, Museu de Arte William Benton.

Desse modo, ambas as obras utilizam da arte para explorar a condição humana em tempos de violência e desolação, revelando uma profunda conexão entre suas criações e as violências de seu tempo – e, com relação ao lambe, essa lógica também se aplica! Voltaremos a esse assunto mais adiante.

Para os transeuntes que diariamente passam pelas escadas em frente ao teatro da UBRO, a autoria daquele permanece um mistério, uma vez que não está assinado. Contudo, a obra é de Leonardo Sanchez⁹, artista plástico residente em Florianópolis, com quem realizamos uma entrevista em abril de 2024.

Eu nasci no interior de Prudente (São Paulo) em 2000. Tenho 24 anos. Hoje me entendo como uma pessoa trans não binária e entrei na graduação em 2019, quando vim pra cá [...]. Eu comecei a entender arte como uma linguagem mais ou menos com 13 anos, mas comecei a desenhar mais ou menos com nove anos, quando eu comecei a pegar mais gosto pelo desenho. Com 13 anos minha mãe faleceu e em 2013 eu fiz minha primeira aquarela. Daí eu comecei a pintar um pouco mais e a entender isso como uma linguagem.¹⁰

Leo, artista formado em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), cria obras de autorrepresentação, um processo descrito por Massimo Canevacci, antropólogo, etnógrafo e escritor italiano¹¹, como um método que desafia convenções

⁹ Meus agradecimentos ao artista Leonardo Sanchez pela gentil acolhida por ocasião de minha entrevista. Além de conhece-lo pessoalmente, tive acesso a diversas obras suas que muito contribuíram para a produção desse artigo.

¹⁰ SANCHEZ, Leonardo. Entrevista concedida a João Pedro Brunetti. Florianópolis, abril de 2024.

¹¹ CANEVACCI, Massimo. 2016, p. 180.

Na turba, Sós: Arte e Ativismo LGBTQIA+ em Florianópolis – João Pedro Brunetti

tradicionais que muitas vezes excluem formas não tradicionais de expressão, abrangendo não apenas interpretações pessoais, mas também influências da cultura urbana. Por meio desse método, o artista desenvolve uma poética autorrepresentacional, integrando elementos de sua identidade, vivências pessoais e aspectos íntimos na criação de narrativas artísticas.

Meu pai me deu uma câmera em 2016, de aniversário. Uma câmera bem simples, mas que fez muita diferença no meu processo [...]. Foi a partir de 2019, quando eu vim para Florianópolis, que eu comecei a colocar mais meu corpo dentro das fotografias e das pinturas. No início era mais retrato e depois fui me interessando mais pelo corpo.¹²

Nessa perspectiva, argumentamos que a forma como Leo expôs seu próprio corpo na imagem reflete uma série de questões significativas para nossa sociedade, especialmente a relação entre a comunidade LGBTQIA+, a violência e o ambiente urbano.

Artivismo LGBTQIA+ em Florianópolis

Em 2024, observou-se um fortalecimento da cena LGBTQIA+ em diversos âmbitos culturais, como música, televisão e cinema¹³. Um exemplo notável é o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), que realizou uma série de eventos para celebrar a história de luta dessa comunidade. Esses eventos destacaram artistas como o coletivo Gran Fury, Masi Mamani, Francis Bacon, Mario de Andrade e Tourmaline¹⁴. No entanto, apesar da importância indiscutível dessa iniciativa, os museus de maior relevância no cenário artístico nacional ainda tendem a dar ênfase a nomes de artistas mais tradicionais, deixando de lado os artistas emergentes, notadamente LGBTQIA+.

Nessa perspectiva, quando perguntamos a Leo se encontrava dificuldades para expor suas obras em Florianópolis, o artista respondeu afirmativamente. Ele destacou a desvalorização de seu trabalho – e também de seus amigos de profissão – tanto financeiramente, com financiamentos que não refletem o valor de suas criações, quanto burocraticamente, com editais de exposição muito complexos que dificultam sua participação. Sentem-se desamparados. Sentem-se sós!

Em resposta a essas dificuldades, Sanchez e dois amigos organizaram uma exposição em sua própria casa em 2023, no bairro da Trindade, em Florianópolis. A mostra foi intitulada "104 A".

¹² SANCHEZ, Leonardo. 2024.

¹³ Em 2015, o projeto Memória LGBT realizou um mapeamento das principais iniciativas museológicas ao redor do mundo, identificando instituições no Brasil que tratavam de questões LGBTQIA+. Contudo, foi observado que o número de exposições com temática LGBTQIA+ no país era significativamente menor em comparação com outras regiões globais (BAPTISTA; BOITA, 2017, pp. 40-41).

¹⁴ CARVALHO, Jess. 2024.

Na turba, Sós: Arte e Ativismo LGBTQIA+ em Florianópolis – João Pedro Brunetti

Ano passado, eu e alguns amigos egressos do curso, a gente começou a pensar mais sobre isso. A gente estava produzindo mais e com vontade de se inserir de alguma forma. Aí a gente começou a se reunir e tentar fazer exposições pra tentar entrar no sistema [...]. Com o tempo eu fui ficando meio frustrado. A gente estava com vontade de fazer uma coisa mais pela gente mesmo, e morávamos juntos...sempre acompanhamos o trabalho uns dos outros...

A gente fez uma exposição lá que tiramos todos os móveis, absolutamente tudo, e botou dentro do meu quarto. Lá [os outros quartos] virou espaço expositivo e a sala virou um espaço que a gente fez uma chamada aberta de imagens A4. Eu tinha 3 trabalhos na exposição: um que saía da porta, com um fone de ouvido, uma performance e outro que não me lembro.¹⁵

Dessa forma, diante da falta de oportunidades rentáveis, tornou-se necessário àquele grupo buscar meios não convencionais para expor suas criações. Além disso, ao realizar uma chamada aberta, outros artistas que possivelmente enfrentam as mesmas frustrações também puderam ter a chance de apresentar seus trabalhos (Figura 4).



Figura 4: Vista da exposição “104 A”. Chamada Aberta. Fonte: Imagem disponibilizada por Leonardo Sanchez de seu arquivo pessoal.

Entre as possíveis explicações para essas dificuldades, podemos citar as considerações de Georges Bataille (1897-1962), literato e filósofo francês, em sua obra "Erotismo". Bataille destaca como a sociedade nos impõe interditos, especialmente a histórica condenação do erotismo (incluindo o homoerotismo) pela religião cristã, que o relegou ao inferno¹⁶. Essa perspectiva, herdada da colonização europeia das Américas, deixou marcas profundas em

¹⁵ SANCHEZ, Leonardo. 2024.

¹⁶ BATAILLE, Georges. 1987, p. 34

nossa cosmovisão e crenças, servindo como uma lente através da qual buscamos compreender a violência e a exclusão mencionadas anteriormente.

Sob essa ótica, "o desejo é pela eliminação sistemática daqueles corpos que poluem a pureza de uma nação imaginada, funcionando como uma 'correia de transmissão' para uma Europa também imaginada: branca, racional, cristã e heterossexual"¹⁷. Enquanto essa visão defende a exclusão sistemática e a homogeneização de corpos que não se conformam com o ideal estabelecido, Leo, ao explorar e autorrepresentar seu próprio corpo, desafia diretamente essas normas restritivas. Ele destaca a diversidade e a complexidade das identidades e corpos que se desviam desse modelo, questionando e reconfigurando noções de identidade e pertencimento.

Em um contexto local, podemos mencionar o Museu de Florianópolis, localizado no centro da cidade, na Praça XV de Novembro. Logo na entrada, é possível observar os seguintes dizeres: "O Museu de Florianópolis nasce com o objetivo de promover uma reflexão contínua sobre as dinâmicas de construção e transformação do território que compõe Florianópolis, nas suas diferentes dimensões". Apesar de a proposta do museu incluir um amplo diálogo com a história da cidade e a intenção de "compreender a complexidade das questões contemporâneas da cidade, de modo a abrir um diálogo para o futuro" (2023)¹⁸, desde o lançamento das exposições temporárias em 2022, nenhuma mostra abordou ou problematizou questões de gênero e sexualidade na Ilha de Santa Catarina.

Mesmo tendo participado da 17ª Primavera de Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) de 18 a 24 de setembro de 2023, cujo tema foi "Memórias e democracia: pessoas LGBT, indígenas e quilombolas", essa lacuna permanece evidente. Até então, as exposições do museu têm explorado temas como "A natureza que aqui habita", "Invasão Espanhola de 1777", "Leão da Ilha x Furacão do Estreito - 100 anos de Memórias" e "Boi de Mamão".

Embora esses assuntos sejam indubitavelmente importantes, a ausência de exposições que questionem a heterossexualidade compulsória e o cristianismo na Ilha de Santa Catarina reflete uma falha no compromisso com a diversidade na narrativa histórica da região. Uma vez que essas exposições ficam em exibição por cerca de seis meses, período suficiente para atrair tanto moradores quanto turistas, os visitantes teriam a oportunidade de conhecer o

¹⁷ BENTO, Berenice. 2018, p. 4.

¹⁸ MUSEU DE FLORIANÓPOLIS. SESC. Disponível em: <https://www.sesc-sc.com.br/museudeflorianopolis/sobre/o-museu-de-florianopolis>. Acesso em: 23 jul. 2024.

trabalho de artistas que exploram temáticas LGBTQIA+ e oferecem uma perspectiva crítica sobre a realidade que os cerca.

Ausências como essa são indicativos de um processo sistemático de exclusão, que, segundo Berenice Bento, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), visa negar o "outro"¹⁹. Sob essa perspectiva, um estudo que examinou as vivências de pessoas LGBTQIA+ em situação de rua de Florianópolis entre novembro de 2017 e fevereiro de 2018, Campos, Cardoso e Moretti-Pires (2019) destacam que muitas vezes essas pessoas acabam nas ruas devido à falta de apoio familiar, frequentemente motivada por questões relacionadas à sua orientação sexual e identidade de gênero. A vida nessas circunstâncias²⁰ é marcada por discriminação, violência e dificuldades significativas para acessar serviços de saúde adequados.

O estudo também aponta que durante os atendimentos médicos, os profissionais muitas vezes manifestaram preconceitos, especialmente em relação ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o que resulta na marginalização dos problemas de saúde subjacentes que motivaram esses pacientes a procurarem ajuda, deixando-os reféns de um cuidado autônomo e informal entre os próprios membros da comunidade²¹. Constata-se, portanto, um cenário de invisibilização e violência, resultado de preconceitos profundamente enraizadas em nossa sociedade.

Nesse contexto, o ativismo desenvolvido por pessoas LGBTQIA+ na ilha de Santa Catarina revela-se, conforme argumentam Stubs, Teixeira-Filho e Lessa, uma ferramenta eficaz para aumentar a visibilidade de grupos marginalizados. A arte permite que esses grupos se posicionem contra injustiças e expressem suas experiências de maneira criativa e contestatória²².

Hans Belting, historiador da arte alemão, afirma em seu artigo "Por uma antropologia da imagem" que “as imagens, como todos concordamos, fazem uma ausência visível ao transformá-la em uma nova forma de presença”²³. Essa perspectiva aplica-se diretamente às obras analisadas aqui. Tanto Guayasamín quanto Kollwitz, por meio de suas criações artísticas, tornam presentes as emoções e os traumas do século passado, criando imagens que

¹⁹ BENTO, Berenice. 2018.

²⁰ É importante ressaltar que a LGBTQIA+fobia, como demonstrado em vários casos, pode ocorrer dentro das próprias casas. O estudo também destaca que essa é uma das razões pelas quais muitas pessoas LGBTQIA+ optam por viver nas ruas.

²¹ CAMPOS *et al.* 2019, p. 85.

²² STUBS *et al.* 2018, pp. 12-13.

²³ BELTING, Hans. 2005, p. 69.

Na turba, Sós: Arte e Ativismo LGBTQIA+ em Florianópolis – João Pedro Brunetti

sobrevivem ao tempo e nos convidam a vê-las, senti-las e, quem sabe, a nos solidarizarmos com as experiências que evocam.

No contexto LGBTQIA+, essa lógica é igualmente pertinente: as ausências resultantes da marginalização histórica podem ser enfrentadas e ressignificadas pela imagem, que dá visibilidade a vivências silenciadas. A arte, nesse sentido, não apenas promove presença, reconhecimento e diálogo, mas também contribui para a desconstrução de estereótipos e normas opressoras. Além disso, sensibiliza o público para injustiças e desigualdades persistentes, como as aqui discutidas, podendo fomentar redes de solidariedade e resistência.

Considerações finais

A arte é algo que se vê, se dá simplesmente a ver, e por isso mesmo, impõe sua “específica” presença.²⁴

A arte, ao impor sua presença específica, se revela um poderoso meio de comunicação e resistência. A obra de Leonardo Sanchez, estrategicamente posicionada no topo de uma escada, exemplifica essa capacidade.

Em “O que vemos, o que nos olha”, Georges Didi-Huberman nos convida a “fechar os olhos para ver”. Para o francês, “o que vemos só tem valor — só vive — em nossos olhos pelo que nos olha”²⁵. Ou seja, quando olhamos para uma imagem, ela desperta algo em nós, algo que reside dentro de nós. Ao nos depararmos com a obra de Sanchez, somos desafiados a confrontar nossas percepções e a reconhecer as histórias e emoções “encapsuladas” na imagem.

Em suma, mesmo desgastado pela chuva e pelo tempo, o lambe foi capaz de nos provocar reflexões profundas sobre solidão, violência e marginalização vividas pela comunidade LGBTQIA+ em Florianópolis. Leonardo Sanchez nos convida a ir além da superfície da imagem ao expor a dura realidade enfrentada por corpos solitários em busca de refúgio ou de um espaço para expressarem suas identidades diante da falta de apoio social e estatal. Assim, o ativismo de Sanchez denuncia as estruturas opressivas que perpetuam a invisibilidade dessas experiências, um ato de coragem e de extrema relevância nos tempos atuais.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, J.; BOITA, T. Museologia e comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. **Cadernos**

²⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. 2010, p. 61

²⁵ Ibidem. 2010, p. 29

de **Sociomuseologia**, v. 54, n. 10, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.54.02>. Acesso em: 22 jul. 2024.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. 2ª ed. L&PM Editora, 1987.

BELTING, Hans. Por uma antropologia da imagem. **Revista Concinnitas**, v. 2, n. 8, p. 64-78, 2005.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, e185305, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200405&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2024.

BOTH, Vitor. **Florianópolis registra o maior índice de violência LGBT+ entre as cidades de SC**: Registros de violência em SC ultrapassam 900 casos só no 1º semestre de 2024, conforme o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). Floripa.lgbt, Florianópolis, 11 jul. 2024.

BUITRÓN, Gabriela. Oswaldo Guayasamín. Creación y Producción en Diseño y Comunicación. **Ensayos sobre la imagen**, n. 17, p. 19-23, 2008. Disponível em: https://www.palermo.edu/dyc/documentacion/creacion/pdf/creacion17/creacion_17.pdf#page=19. Acesso em: 23 jul. 2024.

CAMPOS, D. Q. As ninfas dos mares de cá: a ninfa pagã e seu exílio nos trópicos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S.l.], v. 1, n. 85, p. 150-170, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/215460>. Acesso em: 16 jul. 2024.

CAMPOS, Dalvan Antonio de; CARDOSO, Heitor Mondardo; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. Vivências de pessoas LGBT em situação de rua e as relações com a atenção e o cuidado em saúde em Florianópolis, SC. **Saúde Debate**, v. 43, p. 79–90, ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S806>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CANEVACCI, M. Metrópole comunicacional: arte pública, auto-representação, sujeito transurbano. **Revista de Ciências Sociais**, v. 47, n. 1, p. 173–191, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/5683>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CARVALHO, Jess. Em 2024, Masp terá programação focada na diversidade LGBTQI+. **A Diadorim**, São Paulo, 6 mar. 2024. Disponível em: <https://www.adiadorim.com.br/masp-programacao-diversidade-lgbtqia>. Acesso em: 17 jul. 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

ORTOLANO, Fabio. Psicologia dos movimentos sociais e as paradas LGBT de São Paulo e Campinas. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 39, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/1601>. Acesso em: 22 jul. 2024.

SANCHEZ, Leonardo. **Entrevista concedida a João Pedro Brunetti**. Florianópolis, abril de 2024.

Na turba, Sós: Arte e Ativismo LGBTQIA+ em Florianópolis – João Pedro Brunetti

STUBS, Roberta; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; LESSA, Patricia. Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, e38901, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Tv5hVNZ5W98QhbHNVV753vS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2024.

VILLEDA, Huberta Márquez. Käthe Kollwitz (1867-1945). A gráfica, um reflexo social. **Revista de Estudios Interdisciplinarios del Arte, Diseño y la Cultura**, n. 4, ano 2, p. 10-23, nov. 2021 - fev. 2022. Disponível em: <https://masam.cuautitlan.unam.mx/seminarioarteydiseno/revista/index.php/reiadyc/article/view/26/24>. Acesso em: 23 jul. 2024.